



BOLSA MERCANTIL E DE FUTUROS, ONTEM: SEM AS TURBULÊNCIAS DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2002

*Economia Brasil*

30 SET 2006

# CALMARIA NO MERCADO

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Muito longe de registrar as turbulências de 2002, quando, às vésperas das eleições presidenciais, o país vivia uma de suas maiores crises econômicas, com o dólar próximo dos R\$ 4 e o risco país acima dos 2.400 pontos, o mercado financeiro encerrou as negociações de ontem praticamente alheio ao pleito deste ano. Em meio à grande batalha política travada entre governo e oposição, tendo como pano de fundo a compra de um dossiê contra políticos do PSDB, a moeda americana foi cotada a R\$ 2,171 para venda, com baixa de 0,05%. E só não caiu mais porque o Banco Central interveio no mercado, arrematando as sobras de dólares para reforçar as reservas cambiais do país.

Com o risco Brasil não foi diferente. O índice que mede o humor dos investidores estrangeiros em relação ao país registrou recuo de 0,43%, para os 232 pontos. Já a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) cravou baixa de 0,10%, nos 36.449 pontos. Na semana, porém, a Bovespa acumulou ganho de 4,74%. “Esses números refletem uma mudança substancial em relação ao quadro que se tinha em 2002. Naquele ano, os indicadores refletiam as incertezas do que seria um governo comandado por Lula. Hoje, ganhe Lula, do PT, ou Geraldo Alckmin, do PSDB, não se espera mudanças na política econômica”, disse o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal. “O tripé básico da economia será

mantido: metas de inflação, câmbio flutuante e ajuste fiscal”, acrescentou.

Além do fim do temor de um governo Lula, estimulado pelo próprio petista, que durante anos pregou uma série de propostas descabidas, como o calote da dívida pública e o controle cambial, os analistas reconhecem que houve uma mudança substancial na situação financeira do país, sobretudo nas contas externas. Se, em 2002, o Brasil necessitava de mais de US\$ 60 bilhões por ano para honrar seus compromissos no exterior, hoje precisa de, no máximo US\$ 12 bilhões. Há quatro anos, o país tinha somente US\$ 15 bilhões em reservas cambiais para enfrentar um ataque especulativo contra o real. Atualmente, as reservas internacionais do Brasil estão em quase US\$ 75 bilhões — um recorde.

Na avaliação do economista-chefe da Corretora Liquidez, Marcelo Voss, com a mudança ocorrida nas contas externas e o fim da dívida interna corrigida pela taxa de câmbio (os títulos dolarizados representavam mais de 40% do total do endividamento público há quatro anos) o Brasil reduziu drasticamente a sua vulnerabilidade a choques externos. E isso, destacou o diretor de Política Econômica do Banco Central, Afonso Bevilacqua, pode ser comprovado entre maio e junho deste ano, quando o mercado internacional foi sacudido pelas incertezas sobre os rumos das taxas de juros dos Estados Unidos. De início, os preços do dólar deram um soluço. Mas logo caíram e, melhor, não houve nenhum impacto sobre a inflação, que, neste ano, fechará muito próximo de 3%.

**“O tripé básico da economia será mantido: metas de inflação, câmbio flutuante e ajuste fiscal”**

**LUÍS OTÁVIO DE SOUZA LEAL**,  
economista-chefe do  
Banco ABC Brasil